



ALGUNS EXEMPLOS DA PRÁTICA COTIDIANA DA BOSKALIS | FEVEREIRO 2016

ISSO NÃO É “À PROVA DE NINA”...



O BLOG NINA

Pieter Verbiest, Gestor de Frota Equipa

Isso não é “à prova de NINA” é algo que oiço, por vezes, quando há um trabalho a fazer. E foi quando pensei que estava no bom caminho para compreender o que significa NINA. E se eu perguntar “como assim?” geralmente vem à baila uma biblioteca de regras que podem ou não estar diretamente relacionadas com o assunto que não é “à prova de NINA”. Escapam-me frequentemente os valores nesse tipo de discussões. E considero isso lamentável porque, na minha opinião, é aí que reside o ponto mais forte do NINA. Basta às vezes colocar algumas perguntas em concreto, e ao longo da conversa ficamos com a percepção

de qual é realmente o problema. Se souber como associá-lo a uma das muitas ferramentas, incluindo a JHA (análise de riscos no trabalho), RA (análise de risco) ou uma reunião, poderá tomar medidas rapidamente. São formas realmente excelentes para reduzir os seus riscos e tornar o conceito perceptível a todos. Se não encarar estas ferramentas como se fossem documentos empoeirados, mas usá-las realmente, verá que levará rapidamente a uma discussão que merecerá a pena. Mais ainda, contribuirá substancialmente para a segurança no local de trabalho. A observação de que algo não é “à prova de NINA” é um motivo para eu começar uma boa discussão, avaliando as verdadeiras causas do problema.

“SENTIMOS QUE A NOSSA VOZ CONTA”.

Nos próximos meses, todos os antigos profissionais MNO em trabalhos com betão, movimentação de terras e asfalto receberão formação sobre o programa NINA. O engenheiro Ben Bel e o diretor Maar van Oord participaram na sessão de 9 de fevereiro. Ambos se referiram à sessão de trabalho como valiosa e pelas mesmas razões: abertura.

MAAR: “Perguntei ao grupo quais eram, na sua opinião, os maiores perigos? A resposta surpreendeu-me: não era o trânsito que passava a toda a velocidade, mas sim a própria área de trabalho.

BEN: “Isso mesmo. Os maiores perigos advêm de terceiros no local de trabalho e a pressão para cumprir prazos. Sendo uma equipa, sabemos exatamente com o que podemos contar de cada um de nós; conhecemos os perigos e chamamos a atenção, entre nós, para os riscos. Mas os outros, os chamados terceiros, são imprevisíveis. Quando me sento aos comandos, conto o número de pessoas presentes. Se surgirem pessoas estranhas à equipa, tenho subitamente de contar mais pessoas. Pessoas que possam estar no sítio errado porque desconhecem os riscos envolvidos. O segundo risco é a pressão do tempo. Durante a última hora, quando estamos a trabalhar sob pressão com os prazos de entrega, é tudo “rápido, rápido, rápido” porque não queremos incorrer em penalizações”.

MAAR: “Estes são os tipos de riscos de que temos de continuar a falar nas reuniões. Tudo se resume a bons ensinamentos e boa comunicação. Mas também reconheço que as práticas de trabalho estão fortemente enraizadas. Existirão sempre situações de tensão”.

BEN: “Então o que temos de fazer? Porque temos de continuar a ter receitas”.

MAAR: “Claro que temos de ganhar dinheiro, mas não à custa da segurança. Segurança antes de tudo”.

BEN: “Fico satisfeito por podermos falar deste assunto na formação. Somos ouvidos. Quer sejamos um dos administradores ou chefia ou um operário na construção de estradas, sentimos que a nossa voz conta. Se necessário, torna-se mais fácil falarmos como uma equipa e dizermos: “parem, isto não é seguro”.

MAAR: Se, em conjunto, admitirmos que uma situação é perigosa, é sempre possível encontrar uma solução. Mas devemos, no entanto, estar cientes de que ela existe. É por isso que é fundamental que todos conversem e opinem. Além do mais, é isso mesmo que esperamos. Nada põe a segurança mais em risco do que uma atitude do tipo “Fartei-me de falar do problema, mas nada muda”.



| Maar van Oord



| Ben Bel